

A Buenos Aires de 1900 na escrita de Jorge Luis Borges: um espaço marginal e mitológico

Santo Gabriel Vaccaro
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Neste trabalho pretende-se apresentar a visão do jovem Jorge Luis Borges sobre a Buenos Aires moderna das primeiras décadas do século XIX. Segundo o autor, o argentino (leia-se portenho) carece de identidade em uma cidade abrumada pelo progresso e pela chegada massiva de imigrantes. Sobre essa ausência identitária versa o ensaio “El tamaño de mi esperanza”. Neste texto Borges propõe soluções (estratégias) para recuperar, da sua própria memória, um passado mitológico que, conformado de arrabaldes e personagens das margens, poderia vir a preencher, através da literatura, o vazio que o contexto social e político da época deixava na idéia de argentividade.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges – Buenos Aires moderna – *Criollismo* – “El tamaño de mi esperanza”

Quando Jorge Luis Borges retorna à Argentina, em 1921, após sua estadia na Europa, encontra uma Buenos Aires submergida em frenéticas transformações modernistas, que distava bastante da cidade que anos atrás tinha deixado para emigrar ao velho continente. No aspecto arquitetônico, na metrópole portenha, podia-se observar a construção de grandes hotéis, casas novas e elegantes, ruas amplas, cuidadas e limpas, setores arborizados e bem iluminados, cartazes e anúncios luminosos, praças e parques desenhados por paisagistas famosos. Quanto às comodidades que os tempos novos traziam, podem-se mencionar os cinemas, os teatros, os bondes, as carruagens e automóveis e uma importante rede de subterrâneos, que uma década antes da chegada de Borges ao país, e conforme refere Mario O´Donnel (2006, p. 192-193), possuía a construção mais espaçosa do mundo – o trajeto Plaza de Mayo-Congreso. Sobre este particular símbolo do progresso argentino, o historiador conta que os primeiros cinquenta subterrâneos tinham vindo da Bélgica e que sua frequência de saída era de um a cada noventa segundos, com uma velocidade de quarenta quilômetros por hora e um funcionamento de vinte horas diárias (O´DONNEL, 2006, p. 194).

Se por um lado a Argentina brilhava por seu esplendoroso progresso, por outro, sofria as conseqüências de um processo modernizador que acarretara a idéia de crescimento como nação na ilimitada chegada de imigrantes europeus ao país. O lema de algumas décadas anteriores ao século XIX era *governar é povoar*, prevendo que as grandes massas de

estrangeiros habitariam as paragens mais desoladas da extensa república argentina. Contrariamente ao esperado, os grupos de imigrantes se instalaram na cidade e nas suas margens, chegando a mudar completamente a fisionomia da emergente metrópole. Segundo Mario O'Donnell (2006, p. 194), em 1853 a população argentina não alcançava 1.000.000 de pessoas, dos quais 300.000 eram estrangeiros. Já no censo de 1910, a população era de 7.000.000, sendo 3.500.000 estrangeiros.

Os imigrantes trouxeram consigo ideologias européias como o socialismo ou o anarquismo, que encontraram na Argentina o espaço ideal para fortificar-se e passar da idéia à ação, pois esse país rico e suntuoso era privativo das classes altas, e para os *novos argentinos* só restava morar em cortiços ou migrar para as margens da cidade. Neste ponto, também é importante mencionar que a urbanização acelerada da cidade, além da chegada de imensas massas de imigrantes, se dá por uma importante migração interna que vê na cidade moderna uma oportunidade de crescimento econômico que o interior não podia oferecer. Neste último caso, os que não se integram ao círculo cidadão, acabam relegados e vivendo à margem dos novos e bons tempos. O interior e o exterior do país se encontram, assim, rejeitados pela crescente Buenos Aires, conformando, como lembra Beatriz Sarlo (2003, p. 16), a *nova pobreza* da grande cidade e o foco das novas formas do delito e marginalidade.

Além da problemática social mencionada, aparece outra mudança importante, fruto da imigração exacerbada: a variação lingüística. A língua de Buenos Aires começa a experimentar algumas alterações profundas como resultado do contato com as novas formas verbais dos imigrantes chegados ao país, e tal motivo preocupa não só as autoridades políticas do momento, chegando o debate da língua própria a se instalar entre os intelectuais.

Neste sentido pode-se mencionar um texto de José Clemente que, descrevendo os diversos pontos caldeais da cidade de Buenos Aires no princípio de século XIX, possibilita uma cartografia lingüística de imenso valor para nosso trabalho. Assim, nos primeiros parágrafos do texto “Mapa idiomático de Buenos Aires” (1963) e com caráter introdutório, o autor sugere pensar Buenos Aires como um chegar sem interrupções; um chegar de imigrantes e de argentinos do interior à cidade dos edifícios modernos, ao lugar onde as ruas modificam seus nomes e onde aparecem sem cessar monumentos de próceres desconhecidos; ao espaço onde a clássica mesa de café, a paixão pelas cores do clube favorito e o tango são mito quase universal (CLEMENTE, 1984, pp. 117-119).

Clemente também cita que a linguagem das cidades cosmopolitas possui um viés sentimental misturado com um especial cuidado acadêmico, e que ambas as expressões são igualmente válidas no campo literário. O que muda, continua explicando o autor, é a preferência ou afeto do povo. No caso do cidadão portenho, ele vive a intimidade de Buenos Aires, mas também participa dos modismos suburbanos. Mas onde estaria localizado esse morador da cidade de Buenos Aires? Segundo Clemente, pode-se demarcar um mapa, com limites imprecisos, dessa Buenos Aires (1984, pp. 119-120).

Assim, ao sul da cidade estaria a *Avenida de Mayo*, onde as antigas e as novas vozes estão misturadas, onde alguns provincianos moram com espanhóis e onde ainda é representado o drama da colonização. Neste espaço de Buenos Aires se encontram “Las palabras que vienen de España a continuar la hegemonía magistral y, las originarias del interior, que llegan con igual pureza de sangre, pero con la piel de un sol diferente” (CLEMENTE, 1984, p. 122); ao norte estaria a avenida *Santa Fé*, que seria como dizer Paris, e algumas vezes Roma ou Londres; resumindo, a avenida Santa Fé seria como dizer Europa e ali se encontram as vozes estrangeiras; na metade dos extremos anteriores estaria a avenida *Corrientes*, rua dos bairros por antonomásia. A linguagem dos bairros chega a *Corrientes* e se transforma na linguagem de Buenos Aires, sendo esta avenida uma espécie de mapa idiomático de Buenos Aires, “Las palabras, nacidas en los sitios apartados, empiezan a repetirse con inocente orgullo argentino, bajo la luna eléctrica y andariega de Corrientes” (CLEMENTE, 1984, p. 124); e por último, existiria um espaço especial que se conhece como *el bajo*, onde os barcos trazem outros vocábulos que ampliam o idioma dos portenhos e levam para a Espanha o que no dicionário da Real Academia aparece como *argentinismos* (CLEMENTE, 1984, p. 124).

Todas estas mudanças lingüísticas e sociais ocasionadas pela chegada dos imigrantes durante as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século posterior causaram nos governantes nacionalistas algumas preocupações que não só afetaram os âmbitos mencionados, senão que atingiram o campo econômico e intelectual. O crescimento patrimonial de alguns estrangeiros, os movimentos anárquicos dos marginalizados, as idéias populistas e democráticas que atentavam contra os privilégios das oligarquias dominantes eram questões que inquietavam e perturbavam os políticos burgueses das classes altas argentinas. Neste sentido foram sancionadas algumas leis para conter o incremento de greves e manifestações e para deportar os imigrantes acusados de agitadores.

Mas essas mudanças sociais não afetavam somente os grupos governamentais. Os intelectuais também tomaram partido frente às metamorfoses experimentadas pela cidade que os albergava. A literatura desses tempos estava caracterizada por uma intensa atividade cultural nos bairros portenhos, o que se traduzia no consumo de periódicos, novelas e revistas literárias, encontros em clubes e associações de vizinhos, utilização de bibliotecas populares. Deve-se mencionar, neste aspecto cultural, a existência de um grande número de *escritores marginais*, que se comprometiam com as particularidades do processo modernista da cidade de Buenos Aires e que se opunham aos que pensavam que a década de 20 na Argentina era um espaço de discussões e fervores nacionalistas destinados a formar a identidade nacional (que representasse, sobretudo, os cidadãos portenhos).

Nesses extremos do plano das letras e segundo O'Donnell, podem ser mencionados dois grupos literários que sobressaíram. Um era de escritores preocupados com os temas sociais, admiradores do realismo social de Gálvez e que formavam parte do grupo de *Boedo*, assim chamado porque este se reunia em uma casa desse bairro. Entre eles estavam: Barletta, Castelnovo, González Tuñón, Arlt. O outro grupo formava parte da geração *martinfier-*

rista, denominada assim pela revista na qual definiram suas idéias literárias: *Martín Fierro* (1924-1927). Este último grupo tinha como modelo escritores como Macedonio Fernández e Güiraldes e professava, apesar da formação européia, uma forte devoção pelo *criollismo* (Girondo, Marechal, Lange, Bernárdez). Deste grupo, chamado *Os de Florida*, pois freqüentavam essa rua portenha, fazia parte Jorge Luis Borges. Este último autor (como seus colegas literários) pensava que os momentos heróicos tinham passado para sempre e que era necessário “intentar el rescate del antiguo culto del coraje en largas caminatas por los barrios suburbanos” (O'DONNEL, 2006, p. 208). A cartografia do bairro suburbano e a coragem das suas ruas eram elementos quase esquecidos nos tempos modernistas da Buenos Aires metropolitana e cosmopolita da época. Esse passado suburbano borgeseano, somado aos personagens que nele deambulavam, conformaria na sua produção textual a base mitológica necessária para, por um lado, fugir da heterogeneidade do povo argentino ocasionada pelo número de estrangeiros que moravam na cidade e aos seus redores e, por outro, inserir-se originalmente nas letras argentinas, em que era apenas um jovem a mais numa prolífera geração de escritores.

Como exemplo de algumas idéias e propostas borgeseanas a temas como o sentimento nacional, o estrangeiro, o *criollo* (o que seria *auténticamente* argentino), enfim, a criação mitológica de uma Buenos Aires que depositasse um passado e justificasse a cidade moderna dos anos 20, carente de identidade e história, apresenta-se uma leitura ensaística do autor, que versa sobre estes pontos. Este escrito se intitula “El tamaño de mi esperanza” e é o primeiro texto do livro que, com o mesmo nome, Borges publica em 1926.

O ensaio começa com uma pergunta central, que seguramente tem sua base nessas peculiaridades da cidade moderna finissecular e nos avanços modernos e universalistas das primeiras décadas do século XIX. A pergunta assinalada refere uma dúvida do narrador-ensaísta em relação ao passado do povo argentino: “¿Qué hemos hecho los argentinos?” (BORGES, 1993, p. 11). Esse *o que fizemos os argentinos?* procura, por um lado, um caráter heróico supostamente ausente na cidade moderna e, por outro, um destinatário do qual se cobra uma atitude. O jovem Borges, no seu ensaio, menciona diretamente seus destinatários, “A los criollos les quiero hablar” (1993, p. 11), tentando dar forma a um novo personagem portenho, depositário desse valor supostamente perdido. Este personagem que já existia no campo, o gaúcho, ainda, no olhar do narrador, não existia na moderna cidade, e devia ser buscado caso se quisesse alcançar a tão desejada argentinidade.

Nas primeiras linhas de “El tamaño de mi esperanza”, o narrador tenta delimitar algumas peculiaridades desse novo personagem urbano: deve, por exemplo, ser *criollo* e não possuir afinidade com a Europa: “hombres que en esta tierra se sienten vivir e morir, no a los que creen que el sol y la luna están en Europa” (BORGES, 1993, p. 11). Claro que tal tarefa é difícil de realizar devido ao fato de que, em primeiro lugar, a palavra *criollo* já remete à idéia de um descendente europeu nascido em terras da coroa espanhola na América e, em segundo lugar, porque geralmente os heróis e *próceres criollos* que determinaram os gran-

des acontecimentos da história argentina tiveram fortes laços afetivos com a Europa (por exemplo, muitos dos *criollos* que alimentaram intelectualmente a vocação de independência do país).

A palavra *criollo* teve, como afirma Rafael Olea Franco, várias mudanças semânticas na história argentina. No século XVIII o termo identificava a nobreza americana descendente de espanhóis; na primeira metade do século posterior, quando metrópole e colônia se separam, ser *criollo* significava pertencer à elite ilustrada que participou dos movimentos pela independência argentina. Com o passar das décadas aparecem novos *criollos*, como o gaúcho (que não era nem espanhol, nem índio), e este fenômeno fez com que o termo já não representasse só o sangue, senão uma forma de ser nacional. É procedente recordar aqui a ativa intervenção dos gaúchos nas guerras pela independência argentina (OLEA FRANCO, 1993, pp. 78-82).

A segunda metade do século XIX, segundo o autor acima citado, trouxe algumas mudanças na visão do termo. *Criollo* (o nacional, o autóctone) passou a ser visto justamente como a trava mais evidente de um projeto nacional para modernizar o país. Os pensadores liberais se inclinavam pela cultura européia, o que deixava em segundo plano qualquer elemento representante do aspecto regional. É claro que o gringo, com suas greves e manifestações sociais e marginais, também havia deixado de ser bem visto e que assim, dever-se-ia apelar a uma nova definição de *criollo* (OLEA FRANCO, 1993, p. 83-84).

Evidentemente, Borges não ignora esses dados, expondo-os de maneira polêmica no seu ensaio com o objetivo de alcançar uma figura que pretende apresentar como possível modelo de *argentinidad* (e de *criollo*). Este modelo, evidentemente, careceria de auto-suficiência, já que *argentinidad* é uma noção complexa. A heterogeneidade dos habitantes do país durante as primeiras décadas do século XX, devido às grandes correntes imigratórias de vários países da Europa, não é um dado novo na história de um país que conviveu com as enormes diferenças existentes entre o interior e a cidade.

O personagem ou figura que Borges pretende reescrever não é o arquétipo do campo, mas também, curiosamente, não é nitidamente um personagem do centro da moderna cidade. O *compadrito* ou *malevo*, figura que o narrador vê como o possível depositário de um passado portenho perdido, não deixa de ser uma figura urbana, mas está unido à cidade pelo extremo da mesma. O *compadrito* é uma figura típica dos arrabaldes e das margens da moderna Buenos Aires.

Note-se como o narrador recria um espaço que contextualiza o acionar de seu *compadrito*, não na moderna cidade, onde a heterogeneidade do povo impede uma nacionalidade argentina, senão num passado de bairros e ruas do arrabalde que, em grande parte, está inspirado na memória do narrador e na produção textual de outro escritor das margens, Evaristo Carriego.

Este tema da criação de um espaço novo – espaço que acompanha o também personagem mitológico de Borges – é tratado profundamente por Julio Pimentel no ensaio “Borges, una poética de la memoria” (2000).

Este texto trabalha a idéia da existência de uma mitologia borgeseana que cobra força no fato de não existir um correlato preciso entre os acontecimentos históricos da argentina do começo do século XIX e a produção do autor argentino. Neste sentido, afirma o crítico, embora existam, nas últimas décadas, grandes esforços para traçar alguns paralelos entre a produção escrita do autor argentino e a história, não foi possível criar uma imagem de escritor com uma relação sólida entre os fatos históricos e as realidades da sua vida. O que se pode afirmar é que a produção de um Borges historicamente contextualizado responde a uma atividade escrita relacionada a processos vinculados à memória do escritor, o que sugere que existe um Borges mais próximo de um escritor que trabalha com sua memória que de um historiador, ainda que necessite circular pelo âmbito histórico para trabalhar a sua memória (PIMENTEL, 2000, p. 155).

Seguramente, pensando nas possíveis causas da criação de uma cidade *própria*, deve ser mencionado que algumas das necessidades de Borges no momento de constituir essa memória mitológica seriam despertadas por uma espécie de defesa contra as profundas mudanças que a Argentina sofria nas primeiras décadas de 1900, bem como pela necessidade de procurar no passado (visitado, recriado e inventado metaforicamente na sua escrita) algum tipo de resposta às incertezas que aquele tempo moderno, em parte não desejado, trazia. Neste sentido, a memória possui um peso essencial neste processo criativo, pois, e concordando com as afirmações de Julio Pimentel, a mesma pode ser entendida como um espaço especial para a preservação de tudo o que pode ser considerado perdido no presente. Dessa forma, segundo o autor, Borges *inscreve lugares no pasado* e esses lugares, por exemplo, trazem noções vinculadas ao coletivo, às raízes, à delimitação de fronteiras ou territórios (PIMENTEL, 2000, p. 156).

Algumas das particularidades da criação borgeseana e dos procedimentos que Borges utiliza para moldar sua invenção podem ser lidas no seguinte parágrafo de Julio Pimentel:

En la definición de esos lugares de inscripción de los sentidos de lo colectivo – el argentino, el bonaerense, el pasado –, Borges constituye territorialidades, inventa tradiciones, construye memoria histórica, redetermina espacio y tiempo, permitiendo, por ejemplo, localizar al argentino en los alrededores de Buenos Aires, en un mundo de márgenes, de orillas, en un tiempo pasado que no necesariamente ha ocurrido.

Mundo tejido tal vez imaginariamente, en que circunstancias y personajes son producidos o recurriendo a una memoria que articula lo conocido en los textos leídos en la infancia con las historias oídas de cuchillos en los suburbios, de peleas, duelos, venganzas. La Argentina y el argentino históricamente aludidos se van determinando gradualmente en un juego de influencias sufridas por el lugar, por el presente y el pasado, por el autor de la memoria (2000, p. 156).

Observa-se como a memória é essencial na construção de uma *identidade argentina* refletida em personagens e espaços quase desaparecidos da lembrança portenha e que se transformam em tradição mediante um processo de recuperação de fatos ficcionais, hipotéticos, que se caracterizam por justificar um presente. Presente que, mediante a ficção, cria imagens que versam sobre eventos que ele mesmo *oferece ao passado*, dando um sentido àquilo que não necessariamente o tinha ao momento em que sucedeu (PIMENTEL, 2000, p. 156).

Note-se que, embora a memória crie e mostre um caminho em Borges, a história não é desconsiderada pelo autor argentino. Assim, pode-se observar, como sugere Pimentel, que Borges conseguiu passar do historiador ao *memorioso* (quem memoriza), rememorando fatos antigos mas também utilizando a crítica histórica para com ambos elementos redefinir os limites entre a história e a ficção. O novo espaço intermediário e vago que Borges cria (e o novo personagem que descansa nesse espaço) é um lugar possível para a memória, que é também memória de textos e de proceder poético, ou seja, como conclui Pimentel, uma *poética da memória* em que Borges recorre a esta última como mecanismo para apresentar sua Argentina (2000, p. 157).

A Buenos Aires de ontem, resgatada pela memória borgeseana, é descrita em detalhes e oferecida abertamente para preencher um vazio portenho ocasionado pelo lado negativo de uma modernidade efervescente. Cabe perguntar que Buenos Aires é essa, fruto da reconstituição ficcional de um escritor que pode esquecer ou imaginar fatos para mitificar um espaço que estava se diluindo nas heterogêneas águas do processo civilizatório de começos do século XIX.

É justamente essa cidade que muitos louvavam (os que ainda achavam no imigrante um símbolo de progresso) a que para outros representava a perda gradual da identidade nacional.

Cabe questionar se esse espaço das lembranças do narrador, que por um procedimento da memória se transforma em pretexto de recuperação de identidade nacional, pode ser tomado como parâmetro no momento de pensar uma *argentinidade*. Assim como o gaúcho tentou ser símbolo nacional da Argentina através do personagem de *Martín Fierro* e no âmbito espacial conhecido como o pampa, o *compadrito* foi criado miticamente para rememorar e consolidar-se como a figura que poderia ser um protótipo de coragem numa Argentina passada. Claro que nenhum dos dois personagens citados atingiu essa representatividade (salvo curtos períodos históricos argentinos em que a necessidade nacionalista de uma imagem autóctone invadia o cenário político e social), devido à já citada heterogeneidade do povo argentino, embora alguns setores do interior do país se sentissem espelhados em *Martín Fierro* e parte dos imigrantes que habitavam as margens da cidade possuísse uma atração especial pelo *compadrito*.

No ensaio “El tamaño de mi esperanza”, o narrador postula algumas variantes em relação às textualidades da época, que versavam sobre os homens do campo ou dos subúrbios.

No ensaio, menciona-se o *compadrito* a partir de uma postura diversa daquela de outros autores nostálgicos que escrevem sobre os *criollos* com parâmetros europeus. O texto está dirigido plenamente a essa geração que compartilha o âmbito espacial que se quer recriar e que pretende albergar a nova figura/mito: os subúrbios.

A pampa e o gaúcho, mesmo sendo lendas e ocupando as páginas da literatura rural argentina, carecem, para o narrador, de caráter universal, e por isso é necessário um novo momento, o momento de um espaço e de um personagem que possam *pactuar com o universo* a partir de uma sólida imagem mítica no país que lhes deu origem. Neste sentido, uma vez mais se assinala que dificilmente essa figura que alcança a desejada universalidade pode ser o *compadrito*, o que leva a pensar que a postura do narrador pode ter conotações irônicas, polêmicas ou quiçá experimentais. Os ensaios de *El tamaño de mi esperanza*, assim como os de *Inquisiciones* (1925) e de *El idioma de los argentinos* (1928) parecem pertencer a uma época de ensaio e de erro na escrita borgeseana. E é provável que assim seja, pois estes textos não só não formam parte das obras completas do autor, senão que são praticamente desconhecidos para os leitores, devido à rejeição que Borges sentia pelos mesmos (e aos reiterados esforços para retirá-los de circulação).

A universalidade nascida desse novo espaço portenho e desse novo personagem também é tratada em “El tamaño de mi esperanza”, no momento em que o narrador se pergunta sobre que coisas têm feito verdadeiramente os argentinos até 1920. Neste sentido, enumera-se uma série de fatos históricos e de alguns autores que não representam algo efetivamente *importante* ou *fundamental para a humanidade*. Assim, no plano histórico, existe uma menção às invasões inglesas, às guerras pela independência e à *Santa Federación*, e no âmbito literário, a Sarmiento, Hernández, Carriego, Güiraldes, Lugones e Ingenieros. Note-se que, nesse afã de polemizar, o narrador cita uma suposta *pobreza do fazer nacional* e degrada ou minimiza os atos heróicos e os homens-referência nas letras argentinas, com o objetivo de apresentar uma idéia de ausência de eventos de real importância na história argentina e a suposta falta de lendas *caminhando* pelas ruas da nova e moderna Buenos Aires. Esta falta de lendas, este vazio, esta ausência, poderia, segundo o narrador, completar-se com o *compadrito*, figura não muito trabalhada literariamente nesse espaço que tampouco foi suficientemente explorado: as margens da cidade.

Referido-se a este espaço, Beatriz Sarlo (1995, pp. 54-55) explica que “Lejos de considerarlas un límite después del cual sólo puede saltarse al mundo rural de *Don Segundo Sombra*, Borges se detiene precisamente allí y hace del límite un espacio literario. En ‘las orillas’ define un territorio original, que le permite implantar su propia diferencia respecto del resto de la literatura [...]”.

Assim vemos que o jovem Borges instala a polêmica valendo-se de um protótipo mítico pessoal (já ensaiado por Evaristo Carriego e sua poesia) que pretende apresentar como a nova cara literária do bairro popular – espaço desconsiderado na moderna Buenos Aires – e estabelecê-lo como duradouro e reconhecido nas letras e na sociedade argentina. Desafio que, sem ter em conta a intenção de propor uma discussão sobre um modelo de cidadão portenho que se buscava, carece de sentido toda vez que resulta inverossímil pensar em uma história argentina essencial, escrita com personagens marcados pelas brigas de faca, pelo truço e pelas noites de sábado.

Nesse mesmo jogo de implantar um mito entre o progressismo (marcado por seu aspecto cosmopolita) e o gauchismo (sinônimo de um localismo que reflete a solitária vida do gaúcho na enorme pampa), o narrador tenta, ironicamente, explicar o *tamanho de uma esperança*. E essa expectativa não nasce nos pólos, senão nas margens, nas zonas intermediárias, e se projeta para o futuro, onde o país tem uma realidade *vital e grandiosa*, pois a realidade do momento e do passado argentino é *mendiga*. A mendicância radicar-se-ia na ignorância dos fatos transcendentais da história argentina que, lançando outra idéia desafiadora, desconsidera os verdadeiros protagonistas da história do país (Juan Manuel de Rosas, o general San Martín e Irigoyen). Na mesma tessitura, afirma-se “No hay leyendas en esta tierra y ni un solo fantasma camina por nuestras calles” (BORGES, 1993, p. 13) sugerindo que, do passado, será difícil a construção de um espaço ou de um personagem essencial.

Novamente se observa como o ensaio borgeseano vai modelando sua textualidade com a finalidade de criar um espaço vago, pronto para ser preenchido, e de criar a ausência de uma figura essencial, símbolo de nacionalidade, buscando ocupar esses dois vazios com o arrabalde e o *compadrito*.

O espaço reconsiderado, a margem, e o personagem resgatado, o *compadrito*, são mais uma mostra (evidentemente irônica) de um tema visível e preocupante nos intelectuais da época: a falta de identidade refletida, entre outras coisas (imigração, falta de identidade entre o campo e a cidade), nesse olhar argentino colocado na Europa.

Mas, segundo o narrador, poderia ter-se desenvolvido algo autenticamente pátrio (o *nosso*) sem que o olhar para o exterior fosse um inconveniente, sem que fosse impedida a dualidade entre o local e o universal. Essa universalidade estaria, para o jovem Borges, no futuro, em sua esperança. O Buenos Aires país (também bairro e universo) teria, para o jovem Borges, a história no amanhã, a grandeza no depois, na crença de uma *argentinidade* instalada nas páginas da história ainda não construída. Neste projeto universalizador, para o narrador, não bastam o progresso europeizante e o *criollismo* vinculado a *Marín Fierro* para alcançar uma pátria *criolla* grande, que seja referência universal. São necessários personagens mitológicos e lendas que dêem a Buenos Aires sua própria metafísica, que para o narrador seria uma metafísica do arrabalde criada com um *criollismo* urbano/universal que poderia aproximar os termos local e cosmopolita.

Escreve o narrador a respeito no seu ensaio:

No quiero ni progresismo ni criollismo en la acepción corriente de esas palabras. El primero es un sometemos a ser casi norteamericanos o casi europeos, un tesonero ser casi otros; el segundo, que antes fue palabra de acción [...] hoy es palabra de nostalgia [...]. No cabe gran fervor en ninguno de ellos y lo siento por el criollismo. Es verdad que de enancharle la significación a esa voz – hoy suele equivaler a un mero gauchismo sería tal vez la más ajustada a mi empresa. Criollismo, pues, pero un criollismo que sea conversador del mundo y del yo, de Dios y de la muerte (BORGES, 1993, p. 14).

A universalidade e a busca de uma identidade nacional na cidade moderna e heterogênea foram temas usuais entre os literatos das primeiras décadas de 1900, e “El tamaño de mi esperanza” não escapou a essa regra. Mas criar uma argentinidade e uma mitologia pátria com personagens *marginais* foi realmente uma exceção que parece responder, como já mencionado, mais à ironia ou à crítica do que a um projeto identitário de um povo que necessitava ser definido.

Ironia ou crítica, é provável que o jovem Borges tenha pensado entrar nas letras argentinas implantando a discussão literária, fundando uma Buenos Aires de tango, truco e faca, na qual o complexo modernismo, com seu exotismo e a simplicidade do passado suburbano, com seus bairros e personagens comuns, se fundiram para ser universais (e também regionais) em uma lenda *criolla* chamada *compadrito* e em um espaço mitológico chamado de arrabalde portenho.

(* Para o entendimento e a abordagem dos pontos centrais do presente trabalho, a construção de um espaço mitológico e seus personagens na Buenos Aires borgeana, resultaram essenciais os estudos e a profunda discussão destas temáticas no curso “Borges, Buenos Aires e a criação de um espaço mitológico” ministrado pelo Prof. Dr. Cláudio Celso Alano da Cruz na Universidade Federal de Santa Catarina no segundo semestre de 2006.

Referências Bibliográficas

- BORGES, Jorge Luis. *El tamaño de mi esperanza*. Buenos Aires: Seix Barral, 1993.
- ____ & CLEMENTE, José E. *El lenguaje de Buenos Aires*. Buenos Aires: Emece, 1984.
- O'DONNELL, Mario. *Historias argentinas: De la conquista al proceso*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.
- OLEA FRANCO, Rafael. *El otro Borges, el primer Borges*. México/Buenos Aires: El Colegio de México/Fondo de Cultura Económica, 1993.
- PIMENTEL PINTO, Julio. *Borges, una poética de la memoria*, in: ROWE, William; CANEPARO, Claudio; LOUIS, Annick (comp.). *Jorges Luis Borges: Intervenciones sobre pensamiento y literatura*. Buenos Aires: Paidós, 2000, pp. 155-165.
- SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1995.
- ____. *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.